

Agência afirma que endividamento do Brasil o mantém vulnerável a choques externos, apesar da melhora nos indicadores de curto prazo, como a queda do risco-país e aprovação das reformas tributária e previdenciária

04 DEZ 2003 CORREIO BRAZILIENSE

Choque de realidade

DA REDAÇÃO

A melhoria do cenário econômico brasileiro neste momento é inegável, mas o país ainda é vulnerável a choques externos, o que atrapalha uma melhora no rating (classificação da qualidade de pagamento de dívidas) brasileiro. A avaliação é do analista para América Latina da Moody's (agência de classificação de risco), Ernesto Martinez. "O Brasil ainda é vulnerável, sobretudo aos choques externos. Estamos cientes da melhora significativa dos indicadores de curto prazo, mas estruturalmente as fraquezas do país são as mesmas."

É tudo que os ministros da área econômica do governo não querem ouvir — um choque de realidade. Não há exagero nas afirmações de Martinez. Nos últimos anos, os discursos de que o Brasil teria montado uma couraça contra crises econômicas foram derubados por abalos na Argentina, Rússia, tigres asiáticos e México.

O analista disse torcer para que o "espetáculo do crescimento", tão alardeado pelo governo Lula, possa começar em 2004. "É possível que a economia do Brasil

cresça mais no próximo ano. Mas, no caso da classificação, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) no curto prazo não é uma das variáveis mais importantes, pois focamos nos fatores estruturais", afirmou.

Ele ressaltou que a Moody's está mais atenta às dívidas interna e externa do país. "As duas dívidas fazem a vulnerabilidade do Brasil", disse. Em outubro, a dívida pública do país representava 58% do PIB e a meta do governo é de que esse percentual chegue a 40%. Segundo Martinez, a aprovação das reformas da Previdência e tributária não irá influenciar na mudança do rating brasileiro. "São passos importantes, mas não acredito agora que elas tenham algum impacto direto sobre a avaliação do risco de nota do rating."

Martinez reconheceu, no entanto, que a vulnerabilidade do país diminuiu este ano. "Certamente o cenário externo é muito mais positivo agora do que no ano passado e no início de 2003, mas isso vale para o Brasil e todos os países da América Latina."

Martinez evitou comentar os rumores de uma nova emissão de títulos da dívida brasileira nos próximos dias, o que seria bom

por causa da queda do risco-país para menos de 500 pontos-base nesta semana. Isso significa que os investidores estão cada vez mais confiantes em que o Brasil pagará sua dívida.

Bom momento

Enquanto a esperada operação, de novas emissões de títulos do governo, não é anunciada, o setor privado segue aproveitando o momento para captar recursos. A Petrobras captou ontem US\$ 750 milhões no mercado internacional, com a venda de bônus com vencimento em 15 anos. O valor superou a oferta inicial (US\$ 500 milhões). "É a emissão brasileira de prazo mais longo fechada neste ano. E a nota de risco dada pela Moody's à operação foi melhor do que o do Brasil", afirma a analista de renda fixa do Unibanco, Juliana Braga.

O banco Votorantim anunciou que fechou uma operação de US\$ 120 milhões por meio da emissão de eurobônus e a Brascan Imobiliária Incorporações captou outros US\$ 40 milhões.

Bovespa

A alta de 0,40% registrada ontem fez a Bovespa encerrar o pregão



Arte: Kacio